

Exposição em diálogo: reflexões sobre experiência de aprendizagem em “Funk: um grito de ousadia e liberdade”, no Museu de Arte do Rio.

Exposición en diálogo: reflexiones sobre la experiencia de aprendizaje en “Funk: um grito de ousadia e liberdade”, en el Museo de Arte de Río.

Exhibition in dialogue: reflections on the learning experience in “Funk: um grito de ousadia e liberdade”, at the Rio Art Museum.

Amanda V. Cinelli Fiuza da Cunha, Roberta Portas

educação, museu, experiência, curadoria

Este artigo pretende pensar sobre as interações de visitantes da exposição “Funk: um grito de ousadia e liberdade” no Museu de Arte do Rio com as obras, objetos e comunicações pensadas para o espaço expositivo. De forma a refletir sobre uma possível ressignificação dos museus e exposições a partir do Design da informação através de uma construção dialógica em busca de proporcionar experiências relevantes para seus visitantes a partir da curadoria. Em um formato interdisciplinar de pensamento entre o Design e a Educação Não Formal, questiona-se sobre a construção de sentidos e os aprendizados que acontecem em experiências não mediadas por visitantes nas salas da exposição.

educación, museo, experiencia, curaduría

Este artículo pretende reflexionar sobre las interacciones de los visitantes de la exposición «Funk: un grito de audacia y libertad» en el Museo de Arte de Río con las obras, los objetos y las comunicaciones pensadas para el espacio expositivo. Con el fin de reflexionar sobre una posible reinterpretación de los museos y las exposiciones a partir del diseño de la información mediante una construcción dialógica que busca proporcionar experiencias relevantes para sus visitantes a partir de la curaduría. En un formato interdisciplinario de pensamiento entre el diseño y la educación no formal, se cuestiona la construcción de significados y los aprendizajes que tienen lugar en experiencias no mediadas por los visitantes en las salas de la exposición.

education, museum, experience, curation

This article aims to reflect on the interactions of visitors to the exhibition “Funk: a cry of boldness and freedom” at the Rio Art Museum with the works, objects, and communications designed for the exhibition space. It reflects on a possible reinterpretation of museums and exhibitions based on information design through a dialogical construction that seeks to provide relevant experiences for visitors through curation. In an interdisciplinary format of thinking between design and non-formal education, it questions the construction of meaning and learning that occurs in experiences not mediated by visitors in the exhibition rooms.

1 Introdução

É diante de um mundo que dialoga sobre a necessidade de ressignificar os museus que este pensamento se inicia. Françoise Vergès (2023), cientista política e autora do livro *Decolonizar Museus*, introduz ideias sobre formas de ocupar um museu com as pessoas de seu próprio território, provocando questionamentos fundamentais para iniciar uma pesquisa que busca compreender as experiências de aprendizado nas interações entre visitantes e tudo que é pensado para ser comunicado em uma exposição, além de ser projetado para habitar os espaços onde elas acontecem dentro dos museus.

Desde o século XVIII, os museus se colocam como instituições de conhecimento. Segundo Meneses (2002), no entanto, é no século XIX que eles se configuram em instituições que produzem e difundem o conhecimento. A partir do entendimento de que um museu é um lugar de aprendizagem, inicio este estudo trazendo luz para a necessidade de enxergar o museu de arte como um espaço público de educação não formal, responsável pela produção de conhecimento (GANZER, 2012, p.217).

Importante destacar também que esta discussão acontece num momento em que estamos diante de novos paradigmas contemporâneos, que reverberam a partir de transformações culturais, sociais, políticas e educacionais. Jorge Larossa Bondía (2002) nos lembra que a chamada "sociedade da informação" no qual vivemos hoje é também funciona como sinônimo de "sociedade do conhecimento" ou "sociedade de aprendizagem". Como se o conhecimento se desse sob a forma de informação, e como se aprender não fosse outra coisa que não adquirir e processar informação (LAROSSA, 2002, p. 22). É importante, aqui, iluminar a ideia de que a informação não é experiência, mas quando a experiência nos atravessa ela desperta um saber. E que o saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece (LAROSSA, 2002). Ou seja, para pensar e organizar projetos curatoriais que respondem melhor aos desafios atuais de diálogo com o visitante, é fundamental orientar escolhas que abram diálogo para uma produção de sentido que desperte conhecimento através de experiências de aprendizagem.

Meu ponto de vista parte do Laboratório Interdisciplinar de Design Educação do qual faço parte e que está situado no Programa de Pós-Graduação em Design na PUC-Rio, onde participo como pesquisadora e aluna do primeiro ano de Mestrado para dar continuidade à minha trajetória. Além disso, trago comigo minhas vivências de formação enquanto público de museu construídas enquanto aluna da rede pública de ensino na Zona Norte do Rio de Janeiro, com professoras interessadas em expandir as nossas visões sobre o mundo.

Neste contexto, nasce o desejo de refletir sobre quais sentidos são construídos com os visitantes em exposições no MAR. Ou seja, o que pretendo aqui é pensar sobre as interações de quem visita uma exposição com as criações do espaço expositivo, um lugar pensado e projetado por curadores, designers, educadores e/ou diferentes pessoas que colaboram para contar histórias através da arte em diferentes linguagens.

2 Um olhar para o MAR

Destaco aqui a importância de voltar meu olhar para o Museu de Arte do Rio, um equipamento cultural criado há pouco mais de 10 anos e que ocupa o centro da cidade do Rio de Janeiro, um espaço com o intuito de promover uma leitura transversal da história da cidade, sua vida simbólica e social, entre conflitos, contradições, desafios e expectativas sociais. Vale ressaltar que a instituição surge com uma proposta museológica inovadora, não só por já nascer com uma escola integrada ao seu espaço físico, a Escola do Olhar, mas por: propiciar o desenvolvimento de um programa educativo de referência para ações dentro e fora do Brasil, conjugando arte e educação a partir do programa curatorial da instituição. Dentro do museu, encontramos textos que declaram com ainda mais clareza para o público as suas intenções:

O desenho do MAR também está interessado nas trocas e nas conexões com os outros. Desde a sua inauguração em 2013, o horizonte do Museu de Arte do Rio é ser um espaço voltado em primeiro lugar para a educação diversa, plural e inclusiva. (...) Arte e educação atuam juntas fazendo a mediação de experiências sensíveis, da escuta ativa, na premissa de uma educação libertadora voltada para a democracia e os direitos humanos que considera. As diferentes formas de existência.

O trecho acima foi retirado de um texto assinado por Patrícia Marys, Gerente de Educação e Escola do Olhar, e Rita Valentim, Analista de Educação, situado em uma das paredes na área dos pilotis do MAR. Ele afirma a ideia de que este território é um terreno fértil para refletir e dialogar de forma interdisciplinar sobre Design e Educação, iniciando provocações importantes tanto para quem pensa e trabalha no desenho de comunicações verbais e visuais, quanto para quem valoriza a educação e atua na prática em favor de experiências que fazem alunas e alunos se experimentarem no mundo, como diria Paulo Freire. É a partir daqui, também, que começamos a entrar no campo da educação não formal, aquela que é fundamental para pensar o aprendizado de indivíduos fora do sistema formal de ensino como nós conhecemos.

Sendo assim, faço um convite ao leitor para compreender algumas definições importantes da educação não formal e criar pontos de encontro que potencializarão futuras reflexões. No texto A educação não formal, escrito por Jaume Trilla no livro Educação Formal e Não Formal: Pontos e Contrapontos, organizado por Valéria Amorim Arantes, entendemos que tanto a educação formal quanto a não formal são desenvolvidas de forma intencional e contam com objetivos explícitos de aprendizagem. As duas podem ser ofertadas para todas as idades, porém, a não formal se diferencia fazendo parte também do lazer, sendo algo que vai ao encontro do desejo de acesso e usufruto da cultura no tempo livre de qualquer pessoa. Assim, podemos rapidamente entender que os museus possuem a guarda de saberes importantíssimos sobre determinada arte, história, ciência ou qualquer outro tipo de conhecimento. Porém, muitas vezes acessar esse conhecimento só é possível para quem pode, literalmente, habitar dentro dos muros de tal instituição.

Dessa forma, podemos entender o Museu de Arte do Rio como um espaço que se compromete com a construção de pensamento dentro da necessidade de trazer para seu contexto práticas pedagógicas pois suas exposições são pensadas para criar reflexão entre

sujeito que visita e conhecimentos, valorizando as diferentes formas de arte. Esta afirmação ganha materialidade quando trazemos para análise a exposição "Funk: um grito de ousadia e liberdade", em cartaz desde 29 de setembro de 2023 e prorrogada para ficar em cartaz até 30 de março de 2025. Fruto de uma curadoria compartilhada entre a equipe do museu e convidados que atuam promovendo a cultura do funk, foram selecionados mais de 900 itens entre fotografias, colagens, pinturas, bordados e instalações feitos por mais de 100 artistas brasileiros e estrangeiros dentro dos espaços expositivos do quinto andar do prédio principal da instituição.

Figura 1: Imagens mostram parte das obras selecionadas para a exposição. (minha autoria).



Para além da importância dada a uma cultura periférica que dá luz a representações estéticas autenticamente cariocas e que tem seu valor diariamente questionado na cidade, no país e no mundo, esta exposição fortalece o posicionamento curatorial de enfrentar expectativas do que se espera de um museu de arte, além de dialogar com a população em busca de provocar reflexões em meio a diversas contradições da cidade. A temática da exposição, então, articula saberes populares da história, cultura e estética do funk a partir de diferentes linguagens artísticas e objetos que desdobram saberes de uma identidade cultural. Ou seja, mais do que exercer sua função primordial de recolher e preservar patrimônios, uma exposição sobre o funk no Museu de Arte do Rio enriquece as experiências de seus visitantes com possibilidades reflexivas que acontecem a partir da interação entre público e a exposição.

3 Experiências e reflexões

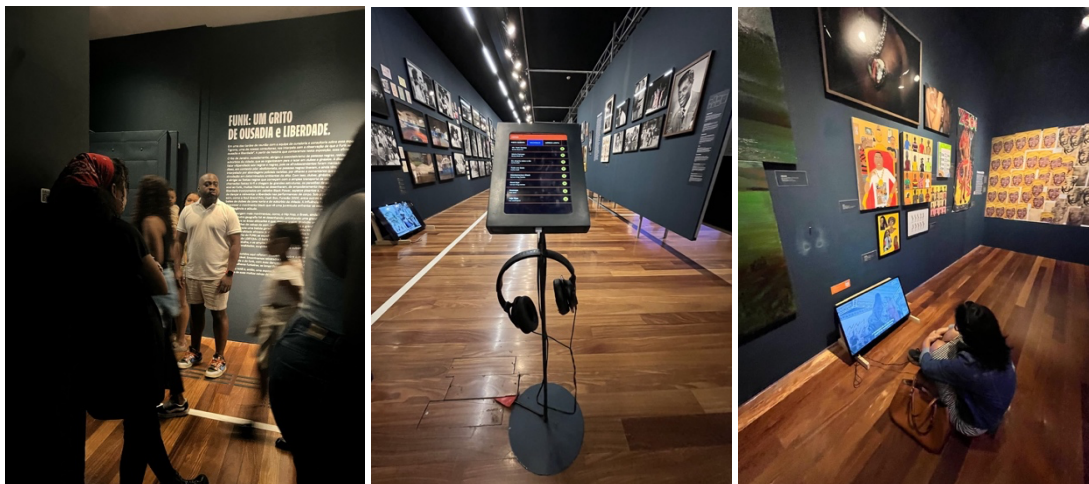
Situados nesse conceito essencialmente semiótico de cultura começamos a perceber as construções de sentido intencionadas através dos interesses do MAR em criar uma exposição como a citada anteriormente. Estruturalmente dentro da instituição, a narrativa que se conta em

uma exposição é construída pelos setores de Curadoria e Educativo, além de seus designers e colaboradores. São eles que impulsionam a tecitura da teia de significados que é construída em diálogo com os seus visitantes. Diálogo esse que pode ser desenvolvido em processos diferentes: através de uma mediação realizada com um educador da instituição, que estimula a experiência do visitante a partir de compreensões mais próximas do entendimento elaborado por quem integrou a realização do projeto curatorial e expográfico, ou de forma livre pelo espaço expográfico, quando o visitante circula pelas obras e objetos individualmente, sozinho ou com seus parceiros de passeio.

Como este artigo é parte do trabalho de pesquisa de campo para minha dissertação de mestrado, fui a campo para entender como o visitante lê e interage com os conteúdos sem a participação do educador museal. Lá, pude atuar observando visitantes da exposição em diferentes dias da semana, tanto quando a entrada do museu é gratuita, às terças-feiras, quanto aos fins de semana, quando é necessário comprar ingressos para acessar as salas de exibição. Também tive a oportunidade também de acompanhar a aula-visita em que a professora Melissa Lamego levou suas alunas como parte da disciplina de Alfabetização Cultural no Curso Normal Superior com habilitação em Educação Infantil do Pró-Saber, uma faculdade particular gratuita no Rio de Janeiro. É importante dizer que essa disciplina faz parte de um programa de formação dedicado a professores, em sua maioria mulheres, que já trabalham em creches da rede pública do município do Rio de Janeiro. E que, no Pró-Saber a Arte ocupa um lugar central no processo de construção do professor, sendo ela transversal a todo o currículo e que esta disciplina de Alfabetização Cultural é ministrada do primeiro ao último ano do curso.

Com essas vivências, poderemos compreender algumas experiências de aprendizado em uma exposição. Início destacando que, a associação entre os profissionais de curadoria do MAR e as pessoas que fazem acontecer a cultura Funk no Rio de Janeiro no processo de criação da exposição "Funk: um grito de ousadia e liberdade" resultaram em escolhas que estão fora do que se espera de uma exposição tradicional, seja pela forma como eles foram produzidos ou expostos. Por exemplo, o clássico texto curatorial que aparece pluralizado sendo escrito não apenas em uma versão, mas em três versões: uma da curadoria do MAR, uma escrita por Taísa Machado e outra por Dom Filó, curadores convidados. A voz desses curadores aparece com todo seu protagonismo em um espaço prévio a entrada nas maiores salas da exposição. Eles foram inseridos no ambiente após um corredor em que o visitante se conecta com a atmosfera criativa do Funk. Ou seja, após entrar em contato com a estética e ritmos do Funk, o visitante pode entender os contextos que levaram a aquela curadoria, quais as visões de cada curador, entre outros pontos.

Figura 2: Momento de interação de visitantes com textos, vídeos e músicas através de diferentes dispositivos pensados e desenvolvidos para a imersão na exposição (minha autoria).



Um ponto observado é que estimular os sentidos sensoriais dos visitantes é fundamental para criar uma experiência que incentiva o aprendizado de forma livre. Mais do que olhar e contemplar, é possível ativar os sentidos de audição e tato para ampliar o processo de integração entre as pessoas e a arte. O corpo que transita pela exposição em liberdade de ser e habitar consegue se experimentar com mais facilidade e, assim, construir conexões que promovem a reflexão. Em minhas visitas, pude observar o som alto da batida funk contagiando diferentes corpos que dançavam pelos corredores e salas. Para se comunicar com a pluralidade de públicos que acessa o espaço, a exposição vai além dos tradicionais formatos de comunicação verbal e visual dos museus de arte que costumam expor textos longos e complexos escritos nas suas paredes e obras com pequenas legendas e limite de aproximação. A multiplicidade de objetos e estímulos favorece uma interação que faz acontecer experiências singulares. São elas que, segundo Jorge Larrosa, criam o saber da experiência. Importante lembrar que Larrosa (2022, p. 28) diz que o saber da experiência não pode ser criado por quem projeta uma exposição, esse saber faz parte de uma relação individual que acontece com o sujeito da experiência.

Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a "o-posição" (nossa maneira de opormos), nem a "im-posição" (nossa maneira de impormos), nem a "pro-posição" (nossa maneira de propormos), mas a "ex-posição", nossa maneira de "ex-pormos", com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. (LAROSSA, 2022, p. 25)

É curioso notar que, ao trazer esses conceitos para o texto, recorro com nitidez dos muitos momentos em que observei diferentes visitantes apontarem para seus conhecidos nas paredes do museu. Ou seja, para muitos que viveram nos territórios de favelas cariocas era possível se reconhecer amigos, parentes, vizinhos e até a si mesmo de alguma forma. Enxergamos com nitidez, então, a força da mensagem curatorial construída com a seleção de fotos que mostram a longa história dos bailes e da cultura Funk no Rio.

Outro ponto que gostaria de refletir aqui é sobre uma criação exposta na segunda sala da exposição “Funk: um grito de ousadia e liberdade”, quando nos deparamos com obras que fazem referência à história mais recente deste movimento cultural. Lá, encontramos uma grande coleção de camisetas com os nomes de diferentes comunidades e favelas do Rio expostas em cabides colocados em uma arara circular. Na expografia proposta pelos curadores e designers, o objeto pode ser tocado pelo visitante, no entanto, não há nenhum tipo de referência textual ou informativa específica dele. No entanto, o que pude observar é que os visitantes que são atravessados pela existência desse objeto têm a oportunidade de narrar e/ou refletir sobre a importância da escolha curatorial na exposição.

Foi o caso de uma visitante que, ao se deparar com a arara começa a investigar as camisetas ali expostas uma a uma. Ela só para quando encontra a camiseta com a inscrição da sua comunidade como pode ser visto na figura 2. Animada pelo encontro com a relíquia, ela pede para que uma amiga tire foto dela segurando a peça que diz “Os crias da Rocinha” e começa a contar histórias relacionadas a sua vida pessoal e seu relacionamento com os Bailes de Corredor, eventos icônicos da década de 1990 em que aconteciam apresentações entre grupos que formavam o lado A em disputa com o lado B.

Figura 3: Aluna-visitante encontra a camiseta da sua comunidade, onde se lê “Os Crias da Rocinha” (minha autoria).



O terceiro ponto que se pode observar é que há uma liberdade de ser no espaço da exposição. As pessoas que passam por lá cantam, dançam e se entregam aos estímulos sensoriais como na letra do funk que diz “quando toca ninguém fica parado”. Esses momentos de interação respondem a afirmação do filósofo Byung-Chul Han (2023) de que as narrativas criam coesão social (Han, 2023), ou seja, o ambiente criado narra uma história em parceria com a comunidade a ponto de desenvolver uma relação de identificação cultural e pessoal, um sentimento de fazer parte, de pertencer à história contada em exposição.

O ato de recordar também está bastante presente nas interações entre público e exposição. Na aula-visita promovida pela Professora Lamego para as alunas do curso superior em Pedagogia do Pró-Saber, foi possível acompanhar inúmeros relatos de recordações de alunas que relacionavam obras às suas experiências de vida. É o caso das alunas que se encantaram com o quadro que pinta a realidade de um grupo de mulheres que cuidam de bebês e se arrumam em um quarto antes de ir para o baile funk, tal como exibido na figura 3. O momento em que as alunas descobrem uma arara de camisas de comunidade também é um acontecimento. As roupas eram feitas para diferenciar e identificar grupos entre os anos 1990 e 2000 em eventos de funk, e levaram a relatos sobre momentos vivenciados por elas quando mais jovens além do desejo de registrar as peças para compartilhar com seus conhecidos. O trabalho de Marie-Christine Josso (2003) nos ajuda a compreender estes momentos, ela afirma que aprender designa o próprio processo de integração. Ou seja, narrar essas recordações é viver experiências formadoras. Elas são simbólicas para a formação de uma pessoa e significam dimensões concretas e invisíveis, tanto nossas percepções quanto nossas emoções e sentimentos. Assim, a recordação pode ser qualificada de experiência formadora porque o que foi aprendido serve de referência daí em diante para outras situações, conduzindo a uma reflexão através da construção da narrativa de formação de cada indivíduo (Josso, p. 41).

Figura 4: Visitantes registram obra que mostra o cotidiano de mulheres antes da ida ao baile funk (minha autoria).



A partir das experiências de aprendizado relatadas, é possível enxergar a construção de uma mensagem curatorial que tem potência para se comunicar com o público visitante. A presença de obras figurativas se conecta a memórias que habitam a história dos que já passaram por situações semelhantes, os dispositivos audiovisuais encantam os mais jovens e crianças que buscam inspiração na representação estética para se expressar entre os seus. De muitas formas, o pertencimento cultural se mostra como uma das grandes chaves para a

comunicação. Vemos o museu reconhecendo o valor cultural do Funk e seus visitantes reconhecendo que suas práticas culturais, preferências musicais, hábitos e modos de dançar são tão relevantes a ponto de serem apresentadas em uma exposição. É ainda possível identificar como desdobramento dessa narrativa o questionamento sobre a associação do termo "periférico" à cultura. A identificação cultural revela que é impossível habitar o território do Rio de Janeiro sem vivenciar a cultura funkeira, mesmo em diferentes partes da cidade ou classes sociais, o atravessamento dessa cultura coloca o Funk como parte central na cultura carioca.

4 Considerações finais

As relações que faço neste artigo pretendem contribuir de forma interdisciplinar para aprendizados em disciplinas de Design e de Educação, no entanto, ao narrar o acontecimento das experiências vividas por mim na exposição "Funk: um grito de ousadia e liberdade", no MAR, sinto e reflito sobre a qualidade da minha existência no sistema formal e não formal de ensino. Como, novamente, diz Larrosa (2002) "a experiência e o saber que ela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida". Quer dizer, a experiência de ir ao museu e o saber que essa experiência se derivou, definitivamente, permitiu apropriar-me da minha própria vida enquanto pesquisadora. E entender que, mesmo que o Funk não tivesse sido meu estilo de música preferido para ouvir, dançar e cantar com meu grupo de amigos na adolescência e primeiros anos da juventude, ainda assim, fez parte da minha construção social enquanto carioca. E engajar em busca do reconhecimento político dessa e outras estéticas culturais menos reconhecidas faz parte do meu propósito acadêmico. Para além de questões íntimas, investigar as propostas curatoriais e de comunicação feitas pelo coletivo de profissionais que compartilharam seus saberes para essa exposição através do Museu de Arte do Rio pode provocar em mim quanto em outros profissionais um despertar. Movimentando um pensamento participativo e interdisciplinar tanto em designers, curadores e educadores que atuam no projeto de exposições ou em museus.

A partir de um estudo sobre a exposição "Funk: um grito de ousadia e liberdade", foi possível apresentar algumas práticas que dão eficiência à construção de uma mensagem curatorial que dialoga com o visitante. Entendendo o Design da Informação como uma área do Design que tem na sua intenção pensar na definição, planejamento e configuração do conteúdo de uma mensagem e dos ambientes em que ela é apresentada aos seus destinatários, é colocado que a prática do Design em Parceria no desenvolvimento do projeto curatorial é fundamental para gerar identificação, pertencimento e diálogo com o público.

Mais do que criar um espaço de exibição de obras de arte, a exposição foi capaz de apresentar um espaço de comunicação multis sensorial e reflexivo, que se relaciona com o visitante na convergência de obras, objetos e experiências que provocam o acontecimento da aprendizagem em um museu, lugar propício para o acontecimento da educação não formal formadora de uma sociedade.

Chamando atenção para a necessidade de se pensar as relações entre sociedade e museus no século XXI, além da relevância educativa dessas instituições para a formação social, finalizo afirmando que é possível criar práticas de curadoria que desconstruam os tradicionais projetos expositivos que reforçam as posições de poder entre a voz do curador e a voz do visitante. Uma curadoria que inclui práticas pedagógicas pensa em como causar experiências que atravessam o visitante, em busca de criar um espaço propício para a conexão, estreitando laços de afeto e conexão.

Referências

- DEWEY, J. (2023). *Experiência e Educação*. Editora Vozes.
- GANZER, A. (2012). Museu, educação e curadoria: diálogos possíveis. *SIAM. Series Iberoamericanas de Museología*, Vol. 2, 213-225.
https://repositorio.uam.es/bitstream/handle/10486/11492/57018_18.pdf?sequence=1
- HAN, Byung-Chul. (2023). *A Crise da Narração*. Editora Vozes.
- JOSSO, Marie-Christine. (2004). *Experiências de Vida e Formação*. Editora Cortez.
- LARROSA, J. (2022). *Tremores: escritos sobre experiência*. Editora Autentica.
- MENEZES, U.B. (2002) O Museu e o Problema do Conhecimento. *Anais do IV Seminário sobre Museus-Casas: Pesquisa e Documentação*, 4, 17-48.
<https://app.docvirt.com/bibobpub/pageid/173>
- PARK, M & FERNANDES, R. (2005). *Educação não formal: contextos, percursos e sujeitos*. Editora Setembro.
- SANTOS, M. C. T. M. (2002). Museu e educação: conceitos e métodos. *Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras*, v. 31.
<https://www.mariaceliatms.com.br/artigos>
- TRILLA, Jaume et al (org) (2008). *Educação formal e não-formal: pontos e contrapontos*. Editora Summus.
- VERGÉS, F. (2023). *Decolonizar o museu: Programa de desordem absoluta*. Ubu Editora.

Sobre o(a/s) autor(a/es)

Amanda V. Cinelli Fiuza da Cunha, Mestranda, PUC-Rio, Brasil <amandacinelli@gmail.com>
Roberta Portas, Dra, PUC-Rio, Brasil <robertaportas@dad.puc-rio.br>